

CASTORIADIS, Cornelius *Sobre o 'Político' de Platão*. ed.Loyola. col.Leituras Filosóficas,São Paulo, 2004- 265págs.

Cornelius Castoriadis é conhecido dos leitores brasileiros de Teoria Política, principalmente por sua obra de grande divulgação *Socialismo ou Barbárie*. Esse estudo sempre transitou muito bem em várias áreas da História da Filosofia e, desta vez, enfrenta com muita criatividade e competência o diálogo *Político*, de Platão, exposto em conferências ministradas na École des Hautes Études em Sciences Sociales, em Paris, de fevereiro a abril de 1986. Depois, reunidas e editadas pela ed.Seuil, em 1999, chega agora a nós por meio da ed. Loyola que as traduz para a ótima coleção “Leituras Filosóficas”, com prefácio de P.Vidal-Naquet.

Castoriadis faleceu em 1997, grego de nascimento, e cuidou de criticar, entre as variadas obras que escreveu, as reflexões platônicas sobre Política em outros diálogos como as *Leis* e *República*. Por que Castoriadis critica Platão? Ele bem sabe, e não esconde isso, da grandeza reflexiva platônica, mas chega a afirmar que se Alcibíades usou Atenas a seu favor, Platão, ao inverso, não tinha nenhum interesse por Atenas, abandonou-a para escrever seus diálogos nos quais o poder está em mãos de filósofos-reis, ou de legisladores específicos, e, no *Político*, de um homem régio. Acertando, ou não, a leitura de Castoriadis é cuidadosa e deve estar na biblioteca dos investigadores platônicos.

O autor tem a feliz competência de unir a uma exposição rigorosamente lógica, um modo de compor com muito *sprit*. Como ele mesmo diz, descarna em partes e sub-partes, qual um açougueiro (a figura usada por Platão no diálogo *Górgias*), o diálogo *Político*, do seguinte modo: Primeira definição de político e dois incidentes (a palavra *symbebekós* fundamenta o autor que deva ser traduzida por incidente e não acidente como estamos acostumados); Primeira Digressão e um incidente; Segunda definição e mais três incidentes; Segunda Digressão; Terceira Digressão; Bis à Segunda Digressão e dois incidentes.

Essa estrutura, apesar de aparentemente sem vida, o leitor acompanha facilmente; a linguagem é clara e bem pontuada, recheada de pontes entre outros diálogos. Passando de definição em definição, de incidente em incidente, dissecando o *Político*, aponta o autor, ao final, o que lhe parece ser o objetivo do diálogo: Platão, ao definir o homem régio como o “político” (do mesmo modo que havia feito na busca da definição do sofista em diálogo homônimo), deixa dois grandes paradoxos, segundo o intérprete:

- a) que a *epistème* (ciência) do todo, impossível de ser reconhecida como realizável, é a *orthé politéia* no regime correto do homem correto;

b) que a *epistème* desse *anér basilikós* (homem régio) torna-o superior à própria lei; ora, como a lei é *téchne* (técnica), o *anér basilikós* é o único que teria essa *téchne* a oferecer à cidade (na forma de boas leis que, no caso, teriam a marca da *epistème*); porém, *téchne* não é *epistème*...

Ao leitor atento caberá estudar a obra de Castoriadis acompanhando o diálogo platônico para formar sua própria decisão. Uma obra, sem dúvida, bem vinda entre nós.

Rachel Gazolla
(PUC-SP- FFSBento)
rachelgazolla@ajato.com.br